

NOVAS FORMAS DE TRABALHO: FLUXOS, PLATAFORMAS E USOS E PRÁTICAS DO URBANO

Bruno Sangali

Profª. Drª. Cibele Saliba Rizek

Instituto de Arquitetura e Urbanismo/Universidade de São Paulo

bruno.sangali@usp.br

Objetivos

O presente trabalho de Iniciação Científica objetivou o mapeamento e a sistematização de produções textuais sobre as práticas e formas de engajamento dos trabalhadores por plataformas digitais a partir dos usos da cidade e de suas vias de circulação, com enfoque nos conflitos e embates que se formulam no âmbito das figuras emergentes de entregadores de mercadoria e transportadores de passageiros (AZAIS, 2019). Essas modalidades de serviço foram informalizadas e precarizadas do ponto de vista da destituição de direitos trabalhistas, e suas atividades e formas de sociabilidade se desenvolvem por meio de práticas que têm lugar cotidianamente nos espaços urbanos, nos fluxos de deslocamento pelas ruas da cidade. Além disso, a análise da plataformação do trabalho enquanto moduladora de dimensões da exploração e espoliação nas dinâmicas tipicamente presentes no contexto da cidade e do trabalho fabril, assim como suas transformações e metamorfoses contemporâneas, foram fundamentais para a compreensão das transformações que vêm acontecendo no mercado de trabalho brasileiro (ANTUNES, 2020).

Métodos e Procedimentos

Os métodos adotados foram de pesquisa bibliográfica e documental, com técnicas de coleta de dados a partir de documentações primárias e secundárias, de maneira a constituir um banco de referências que relacionassem: 1) a precariedade e a vulnerabilidade das formas

de trabalho de camadas populares em postos vinculados ao trabalho de plataforma, em um jogo de permanências e modulações de formas de sociabilidade e relações com territórios de trabalho (e sobretudo seus fluxos) e 2) as redefinições e reestruturações econômicas e urbanas contemporâneas, sobretudo relativas às relações e à gramática dos modos de segregação urbana.

Resultados

Do ponto de vista do levantamento de referências documentais, a saber, notícias e reportagens vinculadas às mídias de grande imprensa, foram apurados 537 matérias no período de 2020 até o primeiro semestre de 2022, que é interessante do ponto de vista da reconstituição das condições de trabalho e de vida da figura emergente de estudo enquanto "trabalhador de serviço essencial", em virtude do acentuamento da crise sanitária e econômica no Brasil. Na Figura 1, se visualiza a distribuição dos textos de acordo com as temáticas de interesse da pesquisa, da qual é possível aferir uma defasagem de material sobre o eixo principal, relativo aos usos e as práticas urbanos a partir da perspectiva da desigualdade e segregação socioespacial. Equivalendo a apenas 3% do total do banco de referências documentais, as reportagens mobilizam a discussão, no período pandêmico, ao trazerem dados de bairros que são definidos como "zonas de risco" por aplicativos de transporte de passageiros (como Uber e 99), pelo bloqueio de acesso e de trajeto dos motoristas a partir da atribuição de altos índices de violência local e de roubo de carros e da infraestrutura precária, que

por vezes inviabiliza a mobilidade nesses territórios que são estigmatizados, historicamente, pela pobreza e precariedade no modo de vida - a exemplo das favelas da Zona Sul de São Paulo, como Heliópolis e Paraisópolis. Entretanto, por trás desses atributos, se desvela um discurso ligado ao recrudescimento da segregação urbana por via das ações ligadas às gestões territorial e algorítmica das empresas supracitadas, que parecem privilegiar suas operações em regiões centrais com altos níveis de violência urbana em detrimento das periféricas (OLIVEIRA, 2020).

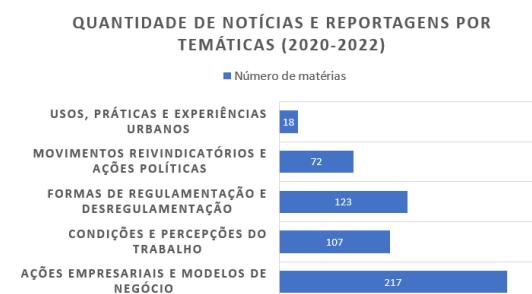


Figura 1: Quantidade de notícias e reportagens por temáticas. Fonte: autor.

Em relação às referências acadêmicas, se enfatiza como alguns artigos servem de subsídios para se pensar, a partir dos perfis demográficos de entregadores ciclistas e motociclistas de mercadoria, a captura do modo de vida periférico pelas empresas-plataforma (ABÍLIO, 2021) - como a iFood e a Rappi - aprofundando a desigualdade e a segregação socioespacial no recrudescimento das relações centro-periferia: se constitui um trabalho que é materializado por via da mobilidade ativa e da gestão da própria vida, e de ponta majoritariamente juvenil e periférica, mas que atua em regiões centrais de alta demanda para entregas. Neste sentido, a espoliação urbana (KOWARICK, 1979) é reposta em um jogo de permanências e modulações que incide na reprodução da estrutura espacial urbana a partir das dinâmicas centro-periferia e da dimensão coercitiva do trabalho, que se faz presente a partir da necessidade de se trabalhar para sobreviver: as permanências se constatam nos deslocamentos em direção aos pontos centrais em que as altas e exaustivas jornadas de trabalho se iniciam; já as modulações se dão na ausência de locais de trabalho e de repouso fixos no espaço urbano e no agravamento das

condições do exercício das atividades de trabalho.

Conclusões

A partir da metodologia adotada, a presente pesquisa evidenciou uma lacuna substancial relativa ao vínculo da plataformização de trabalho com usos e práticas do urbano nas referências documentais e bibliográficas. As documentais se centraram na gestão territorial e algorítmica das empresas-plataforma de subsetor de transporte de passageiros, e trouxe poucos dados relativos à condição de vida urbana de entregadores de mercadoria. Por outro lado, as bibliográficas trouxeram subsídios voltados a essa segunda vertente, que, mesmo incipientes, possibilitaram confrontar e verificar a hipótese de que a plataformização do trabalho representa permanências e modulações contemporâneas das condições de trabalho assentadas no contexto da cidade e do trabalho fabril. O trabalho, portanto, se constitui com contribuição para o campo dos fundamentos socioeconômicos da urbanização, a partir da discussão das transformações no mercado de trabalho brasileiro atreladas à produção do espaço urbano.

Referências bibliográficas

- ABÍLIO, L. Uberização e juventude periférica: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. Em: **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 2021.
- ANTUNES, R. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. Boitempo: São Paulo, 2021.
- AZAÏS, C. Hybridation. Em: BUREAU, M.-C., et al. **Les Zones Grises des Relations de Travail et d'Emploi: Un Dictionnaire Sociologique**. Buenos Aires: Teseo, 2019.
- KOWARICK, L. **Espoliação Urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- OLIVEIRA, R. Quando seu bairro é definido como zona de risco por um app de transporte. **El País**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-01-10/quando-seu-bairro-e-definido-como-zona-de-risco-por-um-app-de-transporte.html?rel=buscador_noticias>. Acesso em: 8 Setembro 2022.